



## Plantão psicológico, adolescência e fragilidades institucionais no contexto escolar público

### Autor(es)

Claudia Sandroni Silva De Campos

Maria Flor Beloque De Godoy

Flávia Lima Da Silva

Laisa Marita Bertuzzo Castanheira

### Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

### Instituição

FACULDADE ANHANGUERA DE CAMPINAS

### Introdução

A escola pública contemporânea enfrenta desafios que ultrapassam a dimensão pedagógica e alcançam o sofrimento psíquico, sobretudo na adolescência. Neste cenário, a Psicologia Escolar apresenta-se como dispositivo fundamental para compreender e intervir nas relações entre alunos, professores e coordenação. O estágio em uma escola estadual evidenciou um espaço marcado por fragilidades estruturais e simbólicas, no qual emergem demandas de adolescentes em sofrimento, docentes exaustos e uma coordenação dividida entre a esperança de mudança e a impotência diante de um sistema engessado.

O plantão psicológico, enquanto recurso emergencial, mostrou-se relevante como intervenção clínica ampliada, mas também limitado: não supre a continuidade terapêutica nem responde à complexidade das demandas escolares. Em adolescentes, o sofrimento assume contornos próprios, bullying, autoestima rebaixada, transformações corporais, relações afetivas e conflitos familiares, atravessados por mudanças hormonais e pela busca por pertencimento. Quando não encontram espaço de elaboração, tais experiências podem cristalizar-se em sintomas graves, como automutilação, violência ou evasão.

Paralelamente, a relação entre professores e alunos aparece permeada por distanciamento, agressividade e desesperança. Docentes sobrecarregados e descrentes do processo educativo tendem a adotar posturas defensivas, que reforçam nos estudantes sentimentos de desvalorização e falta de perspectiva. A coordenação, por sua vez, demonstra abertura e vontade de mudança, mas esbarra em limites estruturais e burocráticos que inibem investimentos em práticas pedagógicas e institucionais mais inovadoras.

Este estudo discute, a partir da experiência de estágio, os efeitos e limites do plantão psicológico, a dinâmica entre professores e alunos e o papel da coordenação escolar, articulando essas dimensões à luz da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento humano.

### Objetivo

Analizar criticamente, a partir da vivência de estágio, os limites do plantão psicológico frente às demandas adolescentes, a relação entre professores e alunos marcada por exaustão e agressividade, e os desafios da coordenação escolar diante de um sistema engessado, discutindo possibilidades de intervenção clínica e



institucional.

### Material e Métodos

O estudo configura-se como relato de experiência de estágio realizado em uma escola estadual de ensino fundamental e médio. A carga horária semanal foi de 2h30, com atuação baseada em observação participante, escuta de alunos e professores, registros de campo e supervisão acadêmica. A análise qualitativa dos dados foi conduzida a partir do referencial psicanalítico, privilegiando a escuta dos sujeitos e dos sintomas institucionais.

O plantão psicológico foi o principal dispositivo clínico adotado, sendo compreendido como modalidade distinta da psicoterapia tradicional, com foco no acolhimento imediato em situações de crise. Embora favoreça a abertura de espaço de escuta e reconhecimento subjetivo, esse enquadre mostrou-se insuficiente para dar conta das complexas demandas adolescentes, que exigem continuidade de acompanhamento e envolvimento da rede sociofamiliar.

Os registros e reflexões foram sistematizados em supervisão, articulando-se com referenciais de Freud, Winnicott, Erikson, Klein, Bolognini e autores contemporâneos que abordam adolescência, empatia e clínica ampliada. Considerou-se ainda literatura nacional sobre saúde mental do adolescente, violência, contexto escolar e representações sociais.

### Resultados e Discussão

A análise dos dados revelou três eixos centrais: o plantão psicológico e seus limites, a relação entre professores e alunos e o papel da coordenação escolar na busca por estratégias de enfrentamento.

#### 1. Plantão psicológico e seus limites

O plantão psicológico configurou-se como espaço emergencial de escuta, permitindo que adolescentes expressassem angústias muitas vezes silenciadas. Para alguns, representou a primeira experiência de reconhecimento subjetivo. Entretanto, sua natureza episódica mostrou-se insuficiente diante das complexas demandas da adolescência, como conflitos identitários, bullying, automutilação, uso de substâncias e rupturas familiares. Aberastury e Knobel (1981) descrevem esse período como marcado por lutos necessários — perda do corpo infantil, da identidade infantil e dos pais idealizados —, enquanto Erikson (1968) aponta a crise de identidade como tarefa central. Sem acompanhamento contínuo, tais conflitos podem cristalizar-se em sintomas graves. Assim, embora o plantão tenha valor, ele precisa articular-se a redes clínicas e institucionais mais amplas, reforçando a urgência de políticas consistentes de cuidado em saúde mental escolar.

#### 2. Relação entre professores e alunos

A relação observada foi atravessada por agressividade e desesperança. Professores sobrecarregados, diante de condições precárias e pouca valorização, mostravam-se defensivos e distantes. Alunos, sentindo-se desconsiderados, respondiam com indiferença ou resistência. Esse afastamento corroía o vínculo educativo e fragilizava a constituição identitária, uma vez que a adolescência exige referências relacionais sólidas. Klein (1946) ajuda a compreender tais defesas como recursos maníacos frente à impotência, enquanto Bolognini (2004) ressalta a importância da empatia como ferramenta clínica e institucional. A ausência de vínculos não pode ser lida apenas como indisciplina, mas como sintoma do mal-estar escolar. Nesse cenário, a Psicologia Escolar pode atuar como mediadora, oferecendo espaços de diálogo e reconhecimento que possibilitem restaurar a confiança e o desejo de ensinar e aprender.



### 3. Coordenação e busca por estratégias

A coordenação mostrou-se aberta à escuta e desejosa de mudança, mas encontrou obstáculos estruturais. O novo modelo de plano de ensino reduziu a autonomia pedagógica, engessando iniciativas e gerando sensação de impotência após tentativas frustradas. Apesar das limitações, houve esforço em compreender demandas de alunos e docentes, o que evidencia potencial para articulação com a Psicologia Escolar. A inserção de práticas de escuta, quando apoiadas por políticas públicas e pela rede intersetorial, pode contribuir para reconstrução da função educativa e para a revalorização da escola como espaço de pertencimento.

#### Discussão geral

O estudo confirma que a escola é espaço privilegiado não apenas de instrução, mas de subjetivação. O plantão psicológico, embora limitado, mostrou-se potente como abertura de fala, mas não deve ser confundido com solução completa. Freud (1926) já apontava que os sintomas são tentativas de lidar com o desamparo, e Winnicott (1965) reforça a importância de um ambiente suficientemente bom para o amadurecimento. A escola, nesse sentido, deve ser compreendida como um ambiente ampliado, capaz de sustentar processos de desenvolvimento e laço social.

A complexidade da adolescência demanda práticas integradas entre Psicologia clínica, escolar e políticas de saúde mental. Professores e coordenação, quando apoiados, podem ressignificar suas funções e restituir a esperança no processo educativo. Assim, investir em Psicologia Escolar é investir na vida, no vínculo e no futuro, transformando sofrimento em possibilidade de laço e pertencimento coletivo.

#### Conclusão

O estudo demonstrou que o plantão psicológico, embora valioso, não atende plenamente às necessidades escolares e adolescentes, evidenciando a urgência de práticas mais amplas. As relações entre professores e alunos, marcadas por distanciamento e agressividade, somadas às limitações estruturais da gestão, revelam um ambiente fragilizado que exige novas estratégias. A Psicologia pode contribuir para ressignificar vínculos e fortalecer a função educativa, mas necessita de tempo, continuidade e apoio institucional para exercer sua potência transformadora.

#### Referências

AMORIM, F. B. T.; ANDRADE, A. B.; BRANCO, P. C. C. Plantão psicológico como estratégia de clínica ampliada na atenção básica em saúde. *Contextos Clínicos*, 8(2), p.141-152, 2015.

BENETTI, S. P. C. et al. Adolescência e saúde mental: revisão de artigos brasileiros publicados em periódicos nacionais. *Cad. Saúde Pública*, 23(6), p.1273-1282, 2007.

BENETTI, S. P. C. et al. Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência. *Psico-USF*, 15(3), p.321-332, 2010.

BOLOGNINI, S. Complexidade da empatia psicanalítica: exploração teórico-clínica. 2004.

ERIKSON, E. H. *Identidade: juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.



## 28º Encontro de Atividades Científicas

03 a 07 de novembro de 2025

Evento Online

FREUD, S. Inibições, sintomas e angústia (1926). ESB, v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides (1946). Rio de Janeiro: Imago, 1975.

OLIVEIRA, H. M.; HANKE, B. C. Adolescentes na contemporaneidade: uma crise dentro da crise. *Ágora*, v. XX, n. 2, p.295-310, 2017.

SEI, M. B.; ZUANAZZI, A. C. A clínica psicanalítica com adolescentes: psicoterapia individual e familiar. *Psic. Clin.*, 28(2), p.89-108, 2016.

VORCARO, A. M. M. A criança na clínica psicanalítica: transferências e impasses. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.